

**SOBRE MÉTODO,
CONVERSAÇÕES ACADÊMICAS**

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Laranjeira – UFES
André Lemos – UFBA
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-Rio
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
Jaqueline Moll – UFRGS
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Maura Penna – UFPB
Micael Herschmann – UFRJ
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Simone Mainieri Paulon – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Pedro Lincoln Carneiro Leão de Mattos

SOBRE MÉTODO, CONVERSAÇÕES ACADÊMICAS



Editora Sulina

ESPM

Copyright © Pedro Lincoln C. L. de Mattos, 2021

Capa: Humberto Nunes

Editoração: Katte Produções

Preparação dos originais e revisão: Vânia Möller

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

L736s Mattos, Pedro Lincoln C. L. de
Sobre método, conversações acadêmicas / Pedro Lincoln C.
L. de Mattos – Porto Alegre: Sulina, 2021.
224 p.; 14x21cm.

ISBN: 978-65-5759-046-1

1. Metodologia. 2. Epistemologia. 3. Comunicação. 4. Filosofia.
5. Conhecimento. 6. Educação. I. Título.

CDU: 101

165

37

CDD: 101

370

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

CEP: 90620-100 – Porto Alegre, RS – Brasil

Tel: (51) 3110 9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Setembro/2021}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

A meus (agora ex-) alunos.

Nota introdutória

Que livro é este?

Antes de tudo, este não é um manual de metodologia de pesquisa nem sequer um livro “científico” – qualificação que necessariamente envolveria linguagem típica. É um livro que acaba falando de ciência e método. “Acaba falando” porque – de novo, pondo o gênero discursivo na raiz da qualificação do texto – o autor, diante de um público (prioritário) de **estudantes de pós-graduação *stricto sensu***, quer conversar com eles e, como fazem parte de programas de pesquisa científica e vivem o drama diário das práticas metodológicas ali aceitas, “acaba” falando de ciência e temas conexos.

Aqui se tem **conversação**. A linguística contemporânea vê no significado pragmático da conversação, a intenção argumentativa entre os interlocutores. Então, por esta via e nos limites dela, este livro **levanta perguntas e argumenta** sobre método em sentido amplo (epistemológico) e específico (práticas), sobre ciência e certos ambientes em que esta é praticada, a saber, os ambientes acadêmicos dos cursos de mestrado e doutorado em área de ciências humanas e sociais.

O livro é um projeto de risco. A rigidez e o formalismo dominam a linguagem sobre método como maneira correta, supostamente única, de falar e ensinar a respeito do assunto. Mas tal hábito foi longe demais. Ensaios metodológicos evocam discurso árido, restrito, próximo à tecnologia e, geralmente, pouco amigável. Pensando outro caminho, o autor se perguntou: valeria a pena tentar, sobre os temas de ciência e método nos ambientes da pós-graduação, uma redação em estilo conversacional que preservasse a essencialidade e o rigor conceituais, mesmo

em textos breves? Esta pergunta está na origem do livro, um projeto de risco que, vez por outra, ao longo desses 50 capítulos, precisará de uma recepção leve e até bem-humorada do leitor.

Os 20 anos de experiência do autor¹ em ambiente de pós-graduação e pesquisa em administração no Brasil (Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Administração – UFPE/Propad e Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – Anpad), que se apoia nas ciências sociais próximas, o estimularam a **tentar** o que via como projeto experimental. Assim, escreveu semanalmente em um blog (<https://medium.com/sobre-método-mesmo-assim>) textos curtos, entre 800 e 1200 palavras, em estilo de conversação com os leitores. Algumas centenas desses foram estímulo a tornar o experimento algo mais definido, como um livro. Excetuado o Capítulo 1, aqui se reproduz parte dos 60 posts publicados entre fevereiro de 2017 e maio de 2018, ainda que com sensíveis modificações. Só agora, três anos depois, o autor se convenceu de que devia disponibilizá-los desta forma (o que explica alguns exemplos da época).

Um **Guia de leitura** apresenta os títulos na ordem em que foram publicados no blog – “ordem lógica da inspiração” – nada mais que isso. Ele foi feito em forma de longa tabela com a intenção de o leitor ter uma visão do conjunto da obra e, sobretudo, a **opção de ler cada capítulo na ordem que quiser**. Saberá, também, por esse **Guia**, que os títulos se prendem aproximadamente a uma de três grandes temáticas, e poderá definir seu interesse à leitura de um descritor de poucas linhas, inclusive porque o título de cada texto cumpre prioritariamente função comunicativa, no que contrasta com o estilo acadêmico que ali se esmeraria na expressão do conteúdo. Aliás, dentro do permissivo de um estilo propositalmente não acadêmico, as referências bibliográficas são feitas **fora** dos padrões prescritos (ABNT, APA etc.), embora suficientemente

¹ Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1559369195932922>

precisas. Nisso, nenhuma “insubordinação”, só caracterização de estilo.

Duas observações adicionais sobre o perfil do livro: (a) o autor confessa sua “pontinha” de preferência por questões epistemológicas por trás do método, talvez viés de sua formação em filosofia; (b) o leitor perceberá – e é verdade, sim – em alguns capítulos, um tom de ironia e crítica ao academicismo, que disfarça vazios e personalismos e se distancia da imaginação científica. Assim, exerce o *castigat ridendo mores...*²

Enfim, qual é a intenção da obra, a ideia que alimentou seu autor?

É despertar a criatividade na forma de fazer pesquisa, **libertando** o melhor da paixão pelo conhecimento. Isso passa pela crítica ao formalismo da metodologia e à concepção totalitária da ciência moderna. Mais: a pressão por publicação acadêmica em níveis injustificáveis, e certa desatualização tanto em epistemologia da ciência quanto em metodologia de pesquisa estão tornando os ambientes da pós-graduação *stricto sensu* superficiais e estressantes. Assim, **os estudantes** de mestrado e doutorado – especialmente das ciências humanas e sociais – **tornam-se o público-alvo** deste livro. Contudo, o autor imagina que as situações e questões subjacentes aos temas podem preocupar professores e até círculos além da academia.

O autor agradece à Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) pelo incentivo, apoio e coedição deste livro.

Pedro Lincoln C. L. de Mattos

Recife, agosto de 2021.

² Adágio latino. Em tradução livre: “Crítica os costumes provocando o riso”.

SUMÁRIO

Este livro foi concebido para que seja do leitor a escolha da ordem e a sequência de leitura dos capítulos. Para subsidiá-lo nisso, é apresentado ao final um Guia de leitura com descritor e temática de cada um deles, e com a indicação da página em que se encontra.

Prefácio	13
1. O amanhã, a serpente de bronze e a tradição do conhecimento	19
2. Ter o que dizer versus ter que dizer	23
3. Entrou no mestrado? Então apaga, apaga. Começa tudo de novo... ..	26
4. E é aí que o diabo se esconde... ..	30
5. A busca da realidade pela pesquisa. Mas que “realidade”?	33
6. A dica metodológica: na berlinda ou no banco dos réus?	36
7. Teorias e Modelos. Como entendê-los?	39
8. Ver para crer ou crer para ver?	43
9. “Você pode divergir quanto à interpretação do fato, mas não quanto ao fato em si”	47
10. “Isso é fato estatístico!”	51
11. “Contra fato não há argumento”	56
12. O fato, o Direito e a identificação da realidade social	59
13. Foucault e o “chão epistemológico”	63
14. “Pós-verdade”	66
15. A “carga de leitura”	70
16. Afinal, por que mesmo a referência bibliográfica?	73
17. O Referencial Teórico	76
18. Professor (só isso mesmo, o título)	80
19. “Fala sério, professor!” (Reflexões sobre a crueldade do ofício)	82
20. 007, <i>License to kill</i>	85
21. A “industrialização” da pesquisa acadêmica e seus códigos-fonte	88
22. A ciência, o método e a teologia medieval	91
23. Perguntando sobre a pergunta “o que é ciência?”	95

24. O negócio de Fausto	100
25. Só a ciência pode contestar a ciência	103
26. Construindo o mundo a partir das pessoas	106
27. Que (não) fazer com as pesquisas de <i>survey</i> ?	109
28. Métodos objetivos de pesquisa das relações entre as pessoas. Que loucura é essa?	114
29. O Rio Sauaquhy	118
30. O casamento e o pensamento	121
31. “Isso daria um case!”	124
32. Aprender a escrever em “academês”?	128
33. <i>Data bases, Desk Research, Data Mining, Research Tools...</i> Que fazer com a informação?	132
34. Meu Deus! Que fizeram à pergunta de pesquisa?	136
35. Alguém me explicou cientificamente. OK. Mas, que faço agora?	140
36. O óleo de coco, o resfriado e o modelo de pesquisa da ciência experimental	145
37. Orientação de teses e dissertações. “Casa de ferreiro...”	150
38. Para não morrer afogado no mar das bibliografias	154
39. Em ambientes científicos e conversas sobre ideias, dialogamos mesmo?	159
40. Que pensar de “participação cidadã aberta” na coleta de dados de trabalhos científicos?	164
41. Triangulação: formalismo sedutor na pesquisa acadêmica?	168
42. Deve a pesquisa acadêmica liderar o conhecimento em áreas de prática profissional? – Equacionando a questão	172
43. “Como [x] não seria verdade, se dá certo e funciona?”	178
44. “Posso analisar com objetividade e números o conteúdo de uma entrevista.” Ótimo, mas que <i>game</i> é esse?	183
45. “Como montar um trabalho para publicação” (um aconselha- mento perverso)	188
46. “Hipóteses falsas podem gerar previsões verdadeiras.” E agora?	192
47. Crenças epistemológicas “secretas” da academia	196
48. O revisor de <i>papers</i>	199
49. Com licença, uma perguntinha sobre o “relativismo”	203
50. “Não sei”	207
Guia de leitura	211

Prefácio

Quando lemos um texto assinado por um autor que não conhecemos somos levados a imaginá-lo, inspirados pelas múltiplas possibilidades suscitadas pela leitura. Mas, quando nos debruçamos sobre um texto assinado por um autor que, além de conhecermos, admiramos como pessoa e intelectual, fatalmente temos facilidade de associar a escolha das questões abordadas, dos raciocínios construídos, dos argumentos explorados, do estilo de escrita adotado, até mesmo dos exemplos que ilustram as ideias. Afinal, como afirma o Gabriel Perissé, “nós somos aquilo que escrevemos e escrevemos aquilo que somos”. Assim sendo, é possível encontrar o autor do livro intitulado *Sobre Método, conversações acadêmicas* em cada título, parágrafo, frase, até mesmo nas reticências e nas passagens destacadas em negrito.

Conheci o professor Pedro Lincoln Carneiro Leão de Mattos – o cearense mais pernambucano de que tenho conhecimento – em setembro de 1997, nas instalações do Club Med Rio das Pedras (Rio de Janeiro), por ocasião do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnAnpad). Um cenário bem distante daquele que eu imaginava atrair a academia brasileira! Em meio à generosidade da natureza e ao luxo despojado, eu buscava me situar entre os iniciados e iniciantes que se reuniam para discutir a agenda da época e celebrar encontros e reencontros. Rapidamente o professor Pedro Lincoln me chamou atenção tanto pelos temas de interesse, consistência das reflexões e atenção conferida aos forasteiros recém-chegados, quanto pela indisfarçável chateação de ter perdido o programa do evento e as inúmeras anotações decorrentes das discussões que emergiram durante as sessões que escolheu participar.

Desde então a amizade fluiu cadenciada pelas reuniões anuais promovidas pela Anpad e se aprofundou depois de 2001,

com a criação da Divisão Acadêmica de Ensino e Pesquisa (EPQ) – sim, este ano celebramos 20 anos de existência desta importante iniciativa liderada por ele! Momento em que as questões derivadas do ensino e da pesquisa passaram a entrar pela porta da frente do EnAnpad! A amizade se consolidou quando nos unimos para criar as condições que permitiram a promoção do primeiro Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade (EnEPQ), em 2007 – uma iniciativa que buscava ultrapassar os formalismos típicos da abertura dos congressos e de fato aproximar a pós-graduação (Anpad) da graduação (Angrad).

O interesse do Pedro pelas questões que transitam entre ciência e método, particularmente as reflexões de natureza epistemológica, é amplamente conhecido pela comunidade acadêmica do campo da Administração. Nessa jornada, eu tive oportunidade de ler grande parte de seus textos e ouvi-lo inúmeras vezes, sempre cercado de pessoas interessadas pelas exposições que nos brindava, cuidadosamente amparadas por leituras transversais, abundantes argumentos e elevada capacidade de articulação.

Apesar do tempo dedicado à formação e ao exercício da gestão acadêmica, da pesquisa e da docência, sobretudo na pós-graduação, a paixão pelo conhecimento afastou o Pedro da ideia de aposentadoria facultativa. O gosto pelo exercício que aproxima a leitura da reflexão e da autoria impediu que mesmo após a aposentadoria compulsória, ele se distanciasse das questões que têm mobilizado a sua vida intelectual e do diálogo tecido com estudantes, professoras e professores. É nesse contexto que passa a dedicar tempo e energia à elaboração de textos relevantes, oportunos e curtos, regularmente publicados em um *blog* [<https://medium.com/sobre-método-mesmo-assim>]. Inevitavelmente, seu raio de influência transborda na medida em que extrapola o Programa de Pós-Graduação em Administração (Propad) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), instigando em mais essa oportunidade o *slogan* “Pernambuco falando para o mundo”!

Dessa forma, restabelece a conversa que ele não deseja interromper com uma comunidade que conhece bem em virtude da intensa e extensa convivência. A palavra conversar se origina do latim “conversare”. O prefixo “com” se origina de “cum”, significa “junto com”, a raiz “verso”, por sua vez, significa direcionar para algum lado. Assim sendo, “conversare” transmite a ideia de direcionar a atenção para determinada pessoa e para isso se faz mister estar na companhia de alguém com quem se tem proximidade, afinidade, convívio. Isso explica o desejo de ele promover “conversações acadêmicas” com mestrandos e doutorandos – para ser fiel à forma como ele escreve.

Coerente com a ideia de que o diálogo requer a formulação de perguntas (dúvidas, questões, problemas), reveladoramente a metade dos títulos atribuídos aos 50 capítulos que integram o livro ganham a forma de questões, não raro, provocativas:

- A busca da realidade pela pesquisa. Mas que “realidade”?
- “Pós-verdade”: novo paradigma, mal-entendido epistemológico ou modismo mesmo?
- Perguntando sobre a pergunta “o que é ciência”?
- Meu Deus! Que fizeram à pergunta de pesquisa?
- “Posso analisar com objetividade e números o conteúdo de uma entrevista”. Ótimo, que *game* é esse?
- “Hipóteses falsas podem gerar previsões verdadeiras.”
E agora?

Ao escrever o livro *Sobre Método, conversações acadêmicas*, Pedro assume um estilo marcadamente pessoal e por isso a mescla do conteúdo e da forma gera uma comunicação irreverente, provocativa, instigante, sem desafinar no exercício da crítica que transita entre o bom humor e a ironia fina. Não faz concessões ao formalismo e à concepção totalitária da ciência moderna que não poupam o ensino, a aprendizagem, tampouco a aplicação do método científico, inibindo o florescimento da imaginação científica entre os jovens mestrandos e doutorandos.

O uso recorrente de metáforas não se restringe a um recurso estilístico, pois além de aproximar o autor de leitoras e leitores, ajuda a discutir questões complexas, com leveza, bom humor e ironia. Vejam exemplos do que desejo chamar atenção: “... se o caso é de teses de doutorado, aí não dá. Tem que entrar no mar e procurar peixe novo, não dá para ficar ‘caranguejando’ próximo à praia”; “conhecimento prêt-à-porter”; “conhecimento pop”; “gárgis da racionalidade”; “espuma” e “fumaça” de retórica”; “artigo ‘free lancer’”; “cofre secreto da epistemologia da ciência”; “morrer afogado no mar das bibliografias”; “show de citações bem arrumadinhas”.

A intimidade com autores clássicos, a exemplo de Claude Lévi-Strauss (antropólogo), Claude Shannon (matemático e engenheiro), Ferdinand de Saussure (filósofo e linguista), Gilles Lipovetsky (filósofo), John B. Watson (psicólogo), John L. Austin (filósofo da linguagem), John Searle (filósofo), Jürgen Habermas (filósofo e sociólogo), Karl Popper (filósofo), Ludwig Wittgenstein (filósofo), Luiz Antônio Marcuschi (linguista), Michel Foucault (filósofo e historiador), Pierre Bourdieu (sociólogo), Zygmunt Bauman (sociólogo), entre outros, associada à diversidade de questões tratadas revelam a maturidade intelectual e a estatura teórico-metodológica de um mestre sensível a diferentes linguagens – como ser indiferente à passagem que contrapõe Watson a Raimundo Fagner Cândido Lopes (o cantor e compositor cearense)? Ou quando resgata Cícero Dias (artista pernambucano que fez da pintura a sua forma de comunicação com o mundo) para chamar a atenção sobre os limites da objetividade em projetos de pesquisa que envolvem pessoas? E ainda recorre a Oswaldo Montenegro para situar o método empírico experimental!

Por tudo isso, trata-se de um texto que revela larga experiência no traquejo com a ciência, com o conhecimento e o método científico, com os códigos acadêmicos, com a comunidade acadêmica, sem desconsiderar questões pedagógicas relacionadas ao ofício do professor e às responsabilidades que recaem sobre a atividade de orientação. Exemplos do que eu

chamo atenção estão estampados nos capítulos “Professor (só isso mesmo, o título)”; “Fala sério, professor!”; “Orientação de teses e dissertações. ‘Casa de ferreiro...’”.

Para quem tiver com apetite para ler um texto instigante, interesse pelas questões tratadas, gana para formar um mapa de boas leituras e autores, desejar aprender sem abrir mão de boas risadas, a companhia desse livro é fortemente recomendada.

Manolita Correia Lima
Professora do PPGA ESPM

São Paulo, setembro de 2021.